A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Eu sinto-me hoje com pruridos de cantar a chuva em alexandrinos sonoros, e de pedir ao Pae do Ceu que nos mande mais, muita mais, ainda, para molhar até a medula dos ossos este Carnaval semsaborão e enxovalhado.

Nunca as cataractas celestes se abriram tanto a proposito; nunca lá de cima cahio tão opportunamente um aguaceiro rijo e duradoiro. Graças ao Padre Eterno, o velho Entrudo insipido e anachronico esconder-se-ha, d'esta vez, na sua mansarda infecta, com medo d'apanhar um resfriamento ou uma pneumonia, e nós ficaremos livres d'ouvir a sua guizalhada Polichinello, não seremos condem-

A ORAÇÃO DO BEBE

nados a ensurdecer diante da sua algarviada estridula e monotona.

Oh! chuva providencial, eu te saudo! Em nome da civilisação e do bom gosto eu te bemdigo!

Houve tempo em que a lama das ruas e as lagrimas abundantes do ceu podiam contrariar-me devéras, n'esta quadra do tremoço e da bisnaga, quando o Carnaval tinha a graça genuinamente portugueza dos nossos avós, uns bons velhos patuscos e sadios, exhuberantes de vida e de humorismo. Hoje, os lamaçaes encantam-me e as bategas d'agua consolam-me, porque essa graça extinguio-se com a geração mascula de 1830, e o carnaval authentico dos nossos antepassados morreu, deixando em seu logar um abortosinho corroido pela anemia moderna, um pequenino monstro minado pelo virus de doenças asquerosas e secretas.

D'antes, a folia carnavalesca era communicativa, impunha-se, tinha um não sei que de corrente electrica, que fazia estremecer ao seu contacto todos os musculos, todos os corações, todas as naturezas mais fleugmaticas e mais rebeldes a qualquer manifestação de jubilo.

Vinte dias antes de chegar o domingo gordo, davase o *mot d'ordre* para a grande patuscada nacional, e começava tudo a agitar-se como que por encanto, a alegrar-se, a empulhar o proximo com as facecias mais desopilantes, a desatar-se em caudaes de espirito, a dar á perna n'umas contradanças vivas, alegres, ruidosas e estonteadoras, reflexo d'um bem estar dulcissimo, d'uma paz de consciencia imperturbavel e serena.

Não havia, então, os gommosos *blasés* e lugubres de hoje; esta semsaboria enorme que ahi alastra, como uma grande mancha oleosa, no nosso meio social; este descontentamento provocado pela degeneração dos costumes d'outr'ora; esta especie de marasmo profundo em que tudo ahi cahio, mocidade e velhice, ricos e indigentes, homens e creanças, politicos e burocratas, nobreza e povo.

Agora, já se não canta, berra-se; já se não ri alegremente, escancara-se a bocca n'um gargalhar bestial e avinhado, que incommoda; já se não dansam, pelos sasalões da *fashion* dourada, os legendarios minuetes, com pares vestidos á Luiz XV, tripudia-se n'uma bacchanal descomposta, sem a noção do que seja a verdadeira alegria vibrante, a genuina folia carnavalesca, o bom humor que esfusiava, ha trinta annos, por essas salas de baile, ricas e burguezas, por essas ruas de Lisboa apinhadas d'um publico prazenteiro e despreoccupado, contente e feliz.

Talvez por ter cantado muito, n'outras eras, pelo clarim dos seus exercitos aguerridos, o pobre Portugal de hoje, menos feliz que a cigarra da fabula, nem dansar já pode, o misero. Se ás vezes rudopia n'uns *cotillons* movimentados e irrequietos, é para dissimular a tristeza que o mina, é para se illudir a si proprio, é para ver se consegue fugir á semsaboria que o enerva, á enfermidade incuravel que o prostra. Ao cabo das primeiras marcas, espoja-se pelo chão, tomado de fraqueza e de cançasso. Se elle não pode mais!

Quando pretende fazer rir, chora lá por dentro, e os seus gemidos abafados veem sempre á flor dos labios, por muito que elle queria escondel-os, como o cadaver do suicida apparece sempre á flor das aguas, por mais fundo que mergulhe.

Se uma vez ou outra consegue rir devéras, não sei que coisa mysteriosa e occulta mistura uma sombra aos seus sorrisos. Se afivela a mascara ao rosto, todos percebem logo que, no seu olhar, coado atravez dos orificios do *loup*, não ha a mais tenue scintillação d'alegria. Se, á falta de espirito natural, vae procurar um espirito ficticio na embriaguez bestificadora do alcool, dá-nos esse Carnaval asqueroso e immundo, que todos os annos nos bate ruidosamente á porta, com os primeiros lampejos da Primavera garrida, e que faz fugir, de nojo e de medo, as andorinhas assustadiças.

E' por isso que eu bemdigo, radiante de jubilo, os aguaceiros providenciaes com que o Supremo Architecto houve por bem contemplar-nos. E' por isso que eu peço ainda mais chuva, com o fervor de quem pede o pão nosso de cada dia. E' por isso, emfim, que eu desejarei ver afogado em torrentes d'agua e lama, para não mais reviver, se for possivel, o entrudo da graça do anno de 1886.

Fiquem, muito embora, suspensas nas *vitrines* das capellistas, as mascaras banaes de cartão, com os olhos vasios e as boccas estupidamente escancaradas. Continuem a abolorecer ao longo das paredes, nos guardaroupas pelintras, os *loups* negros d'Arlequino e as casacas sarapintadas dos *chéchés*. Conservem-se cheias e immoveis as bisnagas. Não tenham consumo os tremoços e os pós de gomma nacionaes. Pouco importa. Antes isso, mil vezes, que supportar as mascaradas ignobeis das ruas, os marmanjões espadaúdos d'Alfama enfaixados em trajes curtos de pastorinha, as borboletas do *demimonde* tripudiando em dança macabra no macadam, os gommosos ridiculos do asphalto bombardeando brutalmente as janellas do indigena.

Chuva de março, bemfazeja e amiga, a Chronica reconhecida te saúda!

C. D.

RUINAS

I

E é triste ver assim ir desfolhando,
Vel as levadas na amplidão do ar,
As illusões que andamos levantando
Sobre o peito das mães, o eterno altar.

Nem sabe a gente já como, nem quando
Ha de a nossa alma um dia descançar!
Que as almas vão perdidas, vão boiando
N'esta corrente electrica do mar!...

Oh sciencia, minha amante, oh sonho bello!
E's fria como a folha de um cutello...
Nunca o teu labio conheceu piedade!

Mas cáia embora o velho paraiso
Cáia a fé, cáia Deus! sendo preciso,
Em nome do Direito e da verdade.

II

Morreu-me a luz da crença—alva cecem,
Pallida virgem de luzentes tranças
Dorme agora na campa das creanças,
Onde eu quizera repousar tambem.

A graça, as illusões, o amor, a uncção,
Doiradas cathedraes do meu passado,
Tudo cahiu desfeito, escalavrado
Nos tremendos combates da rasão.

Perdida a fé, esse immortal abrigo,
Fiquei sósinho como heroe antigo
Batalhando sem elmo e sem escudo.

A implacavel, a rigida sciencia
Deixou-me unicamente a Providencia,
Mas, deixando-me Deus, deixou-me tudo.

GUERRA JUNQUEIRO.

TELLES JORDÃO

O vulto d'este algoz, que tanto flagellou os infelizes presos de S. Julião da Barra, é muito curioso de estudar. Vae já tão longe a epoca do seu dominio e da sua tyrannia, passaram sobre o seu cadaver as chuvas de cincoenta e tres invernos, e a lembrança das suas atrocidades deixou de excitar os resentimentos das suas victimas, que dormem todas com elle, ou quasi todas pelo menos, o eterno somno. Suppomos que não vive já preso algum dos que estiveram na torre de S. Julião da Barra, mas não o sabemos com certeza. Vivem, porém, de certo, muitos contemporaneos do taes successos. Todos os que tiverem mais de setenta annos poderam conhecer perfeitamente Telles Jordão, e não é pequeno o seu numero, mas as paixões d'essa epoca sanguinaria deliram-se com o decorrer do tempo, e todos podem ouvir sem colera o julgamento imparcial que a respeito de Telles Jordão se formule.

Antes de o julgarmos porém, é bom que lhe conheçamos a biographia. Para avaliarmos o homem torna-se necessario que possamos conhecer o seu passado.

Joaquim Telles Jordão, filho de paes humildes que lhe não deram educação alguma, que apenas lhe mandaram ensinar a ler e a escrever, se é que elle já tinha essa instrucção antes de entrar no exercito, nasceu na cidade da Guarda no anno de 1777. Sentou praça de soldado raso a 17 de agosto de 1796, e esteve dez annos sem postos inferiores, distinguindo-se comtudo, assim que teve as divisas, pela sua indole essencialmente disciplinadora, e pelo cumprimento rigoroso dos seus deveres. Foi assim que chegou a primeiro sargento, posto em que se achava quando veio a organisação do exercito de 1806. Sendo elle um dos melhores instructores que nós tinhamos, foi nomeado ajudante para um regimento de milicias, e assim recebeu a banda de alferes no meiado d'esse mesmo anno de 1806, contando exactamente dez annos de serviço.

Não era provavel que subisse além do posto de major, se não tivesse rebentado a guerra. Mas veiu a guerra da independencia, a guerra dos Francezes, e Telles Jordão começou a ter uma promoção verdadeiramente vertiginosa. Levára dez annos a subir de soldado a alferes, levou apenas oito a subir do posto de alferes ao posto de tenente-coronel.

E' certo que o exercito estava muitissimo desprovido de officialidade; uma grande parte dos nossos officiaes tinha acompanhado para França a legião portugueza. Isso favorecia, como era natural, a rapida promoção dos que tinham ficado, tanto mais que fôra necessario, logo depois da expulsão de Junot, augmentar consideravelmente o exercito, mas ainda assim a rapida promoção de Telles Jordão tem causas que são para elle extremamente honrosas.

Telles Jordão era verdadeiramente um bravo. Ninguem se atirava como elle ás columnas francezas. Onde estavam os granadeiros de Telles Jordão era certo que se praticavam maravilhas. Beresford, verdadeiramente espantado com a extraordinaria bravura d'este official, cobria-o de recompensas. Cada posto que Telles Jordão ia subindo representava pelo menos duas façanhas notaveis, porque recebia sempre a graduação do posto seguinte, antes de receber a effectividade, para que, de recompensa em recompensa, não chegasse com grande rapidez ao posto de marechal do exercito. O posto de tenente ainda lhe foi dado por antiguidade e pelo grande numero de vagas que appareceu quando se tratou de se organisar o exercito para a campanha; mas a graduação em capitão, em major e em tenente-coronel, e a effectividade d'esses postos, tudo elle deveu á sua notavel intrepidez, que, além de merecer estas recompensas, ainda levava Beresford a estar constantemente a citar o seu nome com elogio nas ordens do exercito.

Mas, além d'isso, uma coisa que devia tornar Telles Jordão sympathico a Beresford, era ser homem da sua escola, disciplinador como elle e brutal como elle. Pertencia á casta d'estes brutamontes cabelludos, sempre de sobr'olho carregado, e de bocca franzida, cujo grande prazer é dar para baixo nos soldados inimigos ou nos proprios soldados, naturezas taurinas que vêem tudo vermelho diante de si, e cujo maximo prazer é castigar.

Eu e os meus companheiros do Collegio Militar fomos victimas, na nossa infancia, de um Telles Jordão da grammática latina.

Era um professor que fôra frade, e que se chamava Mesquita. Parece que tambem lhe cahio nas mãos o nosso espirituoso folhetinista Julio Cesar Machado, porque apparece a sua figura excellentemente descripta n'um d'esses adoraveis livros de recordações pessoaes, que Julio Machado tem publicado. Mesquita era um homem alto e grosso, espadaúdo, pescoço curto, olhos a nadarem em sangue, bocca franzida, por onde se escoavam lentamente e a custo as palavras. O seu grande regozijo, o seu grande triumpho era mandar dar palmatoadas. Todos os dias se contavam ás grosas as palmatoadas que se applicavam na aula de latim.

Bastava que se não respondesse com uma presteza mecanica ás perguntas estapafurdias que elle fazia, perguntas como esta: *Qual é a regra que está por baixo de Serona, servi?* para que immediatamente a pergunta fosse acompanhada com a phrase terrivel: *Vá chamar o continuo.* Por um requinte de crueldade, imitado do Codigo Penal Judaico, era o suppliciado que tinha de carregar com a cruz do supplicio, era o condemnado que ia chamar o executor.

Que o systema possuia umas certas vantagens mnemonicas isso é que não tem duvida, porque eu ainda hoje me lembro de que a tal regra que está na grammatica de Antonio Pereira de Figueiredo, por baixo de *Serona e servi* é que «os nomes acabados em *ius*, fazem o genetivo em *ié*, assim como *Antonius, Antonié*, etc.»

Pois hoje, quando me recordo da physionomia taurina do meu velho Mesquita, a quem nós tinhamos posto a alcunha de *boi*, que sempre mostrava que eramos bons observadores, parece-me que conheço Telles Jordão. Devia ser um homem assim, esse algoz que não era um covarde, como são em geral os algozes. O que elle era, sobretudo, era uma besta, estupido, sanguineo, gostando de fazer sentir o peso da sua authoridade aos que lhe eram superiores em instrucção e em intelligencia, e gostando de castigar, não pelo prazer de torturar entes fracos ou desprotegidos, mas pela convicção de que era assim que se mantinha a disciplina, da mesma forma que o Mesquita do latim considerava a palmatoria como um instrumento mnemonico de primeira ordem.

Beresford revia-se no discipulo, e por isso não se fartava nem de o elogiar, nem de o promover. Em julho de 1813 fôra despachado major graduado, em septembro do mesmo anno major effectivo, em março de 1814 tenente-coronel graduado, e em maio do mesmo anno tenente-coronel effectivo.

Esta rapida promoção enchera-o de um orgulho desmedido, que ainda mais se inflammou quando foi despachado, depois da paz, e ainda por Beresford, coronel do 3 de infanteria. A distincção era grande, effectivamente, porque os regimentos portuguezes tinham quasi todos coroneis inglezes, e a escolha de um official nosso patricio para o commando de um regimento, era, da parte de Beresford, uma prova de singular confiança.

Imagina-se de certo que Telles Jordão devia ser um enthusiasta de Beresford, e que devia ter pelo marechal inglez o mais profundo e o mais ardente reconhecimento. Engano completo. O novo homem entendia que tudo lhe era devido, não estranhava que elle, alferes de 1806, estivesse em 1820 quasi no mesmo posto em que estavam os capitães da mesma promoção, capitães com estudos, cursos regulares, e nobreza de nascimento, o que mais espanta alnda. Não se mostrava por isso agradecido, e, se entrou na revolução de 1820, foi, como uma grande parte dos seus camaradas, para expulsar do nosso exercito os officiaes inglezes.

Conseguido isso, e promovido em dezembro de 1820 a brigadeiro, Telles Jordão começou a vociferar contra o systema de governo que contribuira para estabelecer. E' claro que de modo nenhum lhe quadrava á sua indole o regimen constitucional. Tão adverso se mostrou á nova ordem de coisas, que foi um dos raros officiaes demittidos, dizendo-se no decreto de demissão, datado de 22 de junho de 1821, que o era «pela sua conhecida opposição ao governo constitucional, chegando a calumniar a regencia do reino no soberano congresso, em publico e em particular.»

Como se póde imaginar, apenas Silveira se pronunciou em Traz-os-Montes, logo Telles Jordão se lhe apresentou, sendo um dos seus generaes, mas general que de pouco lhe serviu, porque o brilhante official de fileira passou, assim que teve de exercer um commando, a manifestar a sua completa incapacidade. Veiu porém a contra-revolução de Villa Franca, e Telles Jordão foi reintegrado, insurgindo-se de novo, assim que se estabeleceu a Carta Constitucional, mas não tardando a ser obrigado a refugiar-se na Hespanha, de onde só voltou a Portugal, quando teve noticias do golpe de Estado de D. Miguel. Tal era o homem que o governo absolutista encarregou de vir substituir na Torre o brando e cortez brigadeiro Joaquim José Simões.

Era um Rigollot a substituir um emollente.

PINHEIRO CHAGAS.

CONTRASTE

N'um campanario rustico distante
Acabava de soar Ave Maria;
No seu leito de purpura radiante,
Como um guerreiro exhausto, o sol morria!...

Entre as nuvens espessas do levante
Ia-se erguendo a lua! Em tudo havia,
Desde o arvoredo á brisa murmurante,
Ignotos philtros de subtil poesia ..

—Como é bello!—de manso murmuraste,
No meu cravado o teu olhar divino...
O singular e encantador contraste!

Emquanto o sol no poente agonisava
Do amor o sol fulgente e diamantino
Em nossas almas juvenis raiava!

JULIO CRUZ.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 32)

IV

A governante

A desconhecida, levantando-se n'um impeto, ordenou á velha criada:

—Abra depressa a porta!

E dirigiu-se á janella, toda nervosa.

Mas apenas chegou ao pé dos vidros, recuou aterrada e soltou um grito espavorido.

A velha, que ia já para a escada, parou assustada.

—O que foi? perguntou.

—Não abra a porta pelo amor de Deus, não abra a porta, supplicou a desconhecida extremamente pallida, com voz balbuciante e sentindo esvairem-se-lhe todas as forças, toda a coragem petulante que até então a animára

—Não abro? repetiu a velha muito intrigada. Então acaba de me dizer que abrisse, agora diz-me que não...

N'isto bateram á porta umas argoladas fortes, repetidas, de quem tem pressa.

—Estão a bater, disse a velha.

—Não abra, peço-lhe, insistiu a desconhecida.

—Mas deixe vêr quem é... Então se fôr o senhor...

E a velha dirigiu-se á janella.

—Ah! quem é! é o amigo do patrão, não posso deixar de abrir.

E dirigiu-se para a porta.

A desconhecida agarrou-lhe o braço com uma grande energia e ordenou, apertando-lhe convulsa o pulso entre as suas mãos nervosas:

—Não abra, já lhe disse.

—Ai! olhe que eu grito! Que tal está! largue-me! berrou a velha sentindo-se molestada e julgando seriamente que estava defronte de uma louca.

A desconhecida cahiu em si, comprehendeu que se aquella velha gritasse estava perdida, e desanimada, sem saber que fazer, volveu ao abatimento.

—Tem rasão, perdôe-me, não sei o que faço, não sei onde tenho a cabeça... mas não abra a porta a esse homem.

—Ora essa! A senhora se está doida vá para Rilhafolles, que tal está! Então eu não heide abrir a porta ao amigo mais intimo cá de casa?...

E, desavensilhando se da desconhecida, encaminhou-se novamente para a escada.

Na porta repetiam-se as pancadas, com muito maior violencia.

A desconhecida, pallida como uma defunta, olhou em torno de si desvairadamente, como quem vê eminente um perigo terrivel a que se não póde furtar.

Sobre uma mesa estava a faca da cosinha, com que a criada preparava o jantar quando ella bateu á porta.

Deitou a mão á faca, e com uma profunda energia, com o accento convicto de uma resolução bem tomada, disse para a criada velha:

—Abra, se quizer, mas juro-lhe, por Deus, que se esse homem entrar aqui eu corto as guellas com esta faca.

Na sua voz e nas suas palavras havia uma deliberação tão firme, uma tal inflexão de terrivel verdade, que a criada parou hesitando, olhou para ella, e viu-lhe nos olhos que cumpriria a sua promessa.

E então a velha teve medo e teve dó.

—Mas o que tem a senhora com esse homem, que bate á porta? perguntou ella n'outro tom, em que havia já um certo interesse curioso.

—Esse homem é meu marido. Já vê que prefiro matar-me a que elle me mate.

—Oh! meu Deus! que trapalhada! que trapalhada! resmungou a velha levando as mãos á cabeça.

E na porta repetiam-se as pancadas a seguir, como quem toca a rebate.

—Mas o que hei de eu fazer? o que heide eu fazer! perguntava a pobre velha completamente desorientada ante aquella tragedia enorme que estava eminente.

—Diga-lhe da janella que não está cá o sr. Fonseca.

—Mas elle naturalmente quer entrar. E depois?

—Depois diga-lhe qualquer coisa, a primeira que lhe lembre, comtanto que elle não entre.

—Valha-me santa Maria! resmungava a velha caminhando para a janella, o que tenho eu com estas danças?!

E abrindo a janella, perguntou fingindo-se zangada por a terem incommodado:

—Quem é?

—Sou eu, respondeu de baixo uma voz d'homem com um accentuado tom de impaciencia. O sr. Fonseca está?

—Ah! é Vossa Senhoria! exclamou a velha com um tom de admiração muito verdadeiro, de habil comediante, que ninguem esperaria d'ella.

E continuou com o mesmo fingimento, representando excellentemente.

—Peço desculpa de não ter vindo logo, mas estava deitada, tenho passado muito mal do meu rheumatico.

—Está em casa o sr. Fonseca? repetiu a voz.

—Não senhor, o sr. Fonseca foi hoje passar o dia fóra.

—E não vem jantar?

—Não senhor, naturalmente nem vem á noite, porque elle disse-me que se não estivesse cá ás 9 horas, podia deitar-me.

—Mas não sabe para onde elle foi?

—Penso que foi a Setubal por causa d'uns negocios com o primo, tornou a velha caminhando pelo paiz da mentira com um passo firme e triumphante, que fazia o assombro da desconhecida, que apesar de nova e de habituada a inventar pretextos, não acharia tão depressa aquella bella mentira e principalmente aquelle esplendido tom de sinceridade.

—Bom, então faz favor, abre-me a porta para eu lhe deixar ahi escriptas duas palavras.

A desconhecida fez-se muito pallida ao ouvir este pedido, e toda tremula puchou supplicante pelo vestido da velha. Esta porém não se embaraçára nada com o pedido, previra-o e tinha já para elle resposta prompta.

—Isso agora é que não póde ser.

—Hein?

—Eu não posso descer a escada, por causa do rheumatico, o rapazito que me faz as compras é que tem a chave...

—Então elle que venha abrir.

—Mas não está cá, sahiu, só se v. s.ª quer esperar que elle volte.

—Isto só pelo demonio! resmungou a voz lá em baixo. E elle demora-se muito?

—Não se pode demorar muito. Ahi umas duas horas, respondeu a velha com uma ingenuidade simploria de comedia.

—Duas horas! Então eu heide estar aqui duas horas á porta?

—Então só se vossa senhoria quer voltar logo.

—Pois sim, eu vou ao escriptorio procural-o...

—Ao escriptorio não vá que perde as passadas, interrompeu logo a velha aparando esse novo golpe; ouvi-lhe dizer que não ia lá hoje, elle para onde foi, quando sahiu, foi para casa do sr. Sarmento, na Estrella.

—Bom, até logo, eu se não o encontrar, cá volto.

E mettendo-se no trem, partiu.

A velha seguiu o trem com os olhos até o perder de vista e depois fechou a janella. Quando se voltou para traz, encontrou a desconhecida quasi desmaiada n'um sophá.

—Então, o que é isso? Já lá vae o perigo, disse-lhe a velha affavelmente.

—Muito obrigada, muito obrigada, nunca esquecerei o que lhe devo, balbuciou a desconhecida apertando convulsamente, n'uma grande effusão de reconhecimento, as mãos d'aquella que momentos antes tão mal tratára e que acabava de a salvar com tão grande sangue frio.

—Ande lá que sempre me metteu n'umas danças! Estava a ver que elle esperava á porta e então é que havia de ser bonito.

—Deus queira que elle não o encontre ahi...

—Não encontra, a providencia protege sempre estas poucas vergonhas, respondeu a velha com certo azedume, e eu agora, fiz de providencia.

(Continúa.)

GERVASIO LOBATO.

UMA DEGENERADA

(A PINHEIRO CHAGAS)

(CONCLUSÃO)

III

Desde aquella noite, Carlos e Mathilde iam todas as tardes passear pelo campo; e, á volta, demoravam-se no jardim quasi até á ceia.

Mathilde, n'um accesso de nervosismo e excentricidade, con-

GALERIA D'ARTISTAS

RAPHAEL CRONER

AUGUSTO NEUPARTH

A. COUVERCHEL C. MAURAND

O DJÉRID

fessara o seu amor ao sobrinho do vigario, que se defendia palmo a palmo.

Ella luctava por que elle abandonassse o sacerdocio; elle negava-se a acceder, firmado no seu Deus e na sua religião.

Era certo que Carlos não olhava indifferente os dotes de que a natureza tão prodiga fôra com a sua gentil companheira. Muitas noites, elle ficava-se accordado até altas horas, estendido de costas na cama, a pensar em mil aventuras que lhe podiam acontecer. Na sua imaginação começava a dispol-a toda; e tanto o impressionava aquella phantasia que, ás vezes, suppunha ter já perto de seus labios estendidos a pelle rosada do corpo da rapariga! Então um tremor suave percorria-lhe todo o corpo, e n'um longo espreguiçamento, de braços estendidos ao longo do travesseiro, elle murmurava n'uma beatitude de frade devasso: Que redempção ella poderia trazer ao meu pobre corpo, deixando-se morrer n'esta cruz! E depois, n'uma doce sensação de goso, affagava com a sua mão, d'um calor humido, o peito e o ventre. Era, porêm, ambicioso; tinha talento e esperava fazer carreira pela vida sacerdotal. Os seus sermões seriam discutidos; havia de soffrer, talvez, censuras do patriarchado, prohibil-o-hiam de prégar durante algum tempo; mas o seu nome e as suas theorias haviam de dar que fallar. Escreveria um livro sobre os verdadeiros deveres do clero, que havia de alcançar um successo enorme. Era a ambição de gloria o que o dominava, em muito mais alto grau do que o desejo de possuir Mathilde.

. . . .

Tinha passado um mez. Carlos, luctando sempre com a sua tentadora e com as horriveis insomnias, sentia-se um pouco enfraquecido; Mathilde, á medida que o combate se tornava mais encarniçado, sentia uma paixão mais forte pelo aspirante a clerigo.

Uma tarde, depois de jantar, foram, como de costume, até ao trigal. Quando regressaram, era já noite. Estava um calor fortissimo; respirava-se n'uma atmosphera de estufa, pesada e humida, que enfraquecia, que debilitava.

No jardim, sentaram-se no mesmo banco de pedra, onde se passara a primeira scena.

Estiveram um momento calados, depois, Mathilde passou-lhe a mão pelos cabellos, fitou-o com toda a doçura do seu olhar, e disse-lhe:

—Como isto é extraordinario! Ser eu que te requeste! Era bem comico, se não fosse triste, ser eu quem lucte por este amor e não tu!

Carlos olhou-a, com a vista um tanto idiota de quem não encontra uma resposta. Ella continuou:

—E não sou a culpada! Porque és tu intelligente? Porque não te desviaste do meu caminho? Porque não fugiste logo d'aqui? Não sabias acaso que o teu olhar de fogo, mesmo por ser a occultas, por ser um segredo, me havia de fazer mal, muito mal? Ah! Carlos, porque destruiste os meus sonhos? Sou uma descrente, bem sei; mas tambem tinha os meus sonhos, que não me apresentavam a morte, porque morte para mim vejo que este amor se torna, mas a vida toda juncada de flores, cheia de luz e de sorrisos! Não te lembras de que em troca d'este amor só poderei receber vergonha e insultos d'essa sociedade sem crenças, sem a propria religião que apregoa? E eu não hesitei em sacrificar-me! Tu, que abandonando o sacerdocio não terias vergonha a receber e só felicidade a gosar, hesitas ainda! Como tudo isto é triste! Tenho que luctar com a sociedade, arrostar com o odio de todos para adquirir a minha ventura; semelhante a uma heresia, tenho que levantar o meu grito de guerra—Mathilde contra o Christo!—; e vou, avanço, não tremo! Tu, com uma unica palavra, podias livrar-me da deshonra, dar-me a felicidade, e nega-l'a!

Carlos teve um impeto de furia pela falta de argumentos logicos, e, sem pensar, desnorteado, respondeu:

—Procurei-te eu acaso? Não foste tu quem vieste ao meu encontro? Não estava eu todo entregue ao amor do meu Deus? Porque vieste com mão sacrilega manchar a hostia que se levantava em toda a sua sublimidade e pureza? Para que antepões entre mim e o Christo a tua belleza cheia de peccado?

—De novo o teu Deus!—replicou Mathilde, exasperada. Mas não vês que, se por te amar eu érro, é culpa do teu proprio Deus? Não é elle quem, segundo a tua crença, nos guia a sorte? Dizes que sou formosa e receias me. Mas não é tua opinião que foi o teu Deus quem me deu esta formosura? Para que me trouxe elle para junto de ti? Ou não tem poder sobre nós, ou, pondo-me a teu lado, foi para te mostrar que escolheste mal a carreira que tentas seguir. N'um rasgo de heroismo, eu podia arrancar o meu coração para anniquilar este amor e lançal-o á sociedade, esperando que campeões audazes ou devassos fossem cravar n'elle as suas settas de combate; mas, pobre coração! voltaria manchado pelo veneno dos ferros que o tivessem ferido, e a culpa então seria do teu Christo, a quem eu o sacrificara.

—Deixa-me, Mathilde, as tuas palavras fazem-me mal, incendeiam-me o cerebro, entontecem-me a razão!—interrompeu o sobrinho do vigario, em quem as palavras de Mathilde e o desejo de possuil-a começavam a vencer todos os seus projectos, todas os seus ideaes.

— Carlos, meu Carlos, deixa fallar o coração e attende-o!— exclamou precipitadamente Mathilde— A razão não me pode julgar; é ella resultante de opiniões sociaes que me condemnam. Vem para mim; quero passar a vida a teu lado, a ouvir a tua voz dizer-me mil phrases de amor, que se repetirão ámanhã, depois e sempre, mas que para mim terão em cada dia, em cada hora, em cada instante um novo enlevo! Olha para mim, fita-me bem; quero, ler no teu olhar promessas infinitas, uma constancia eterna! Vem para mim Carlos, vem!

—Sim, tens razão!—balbuciou o aprendiz de clerigo—Pertencer-te hei; em ti, em teu amor, na sublimidade d'este affecto eu verei a todo o momento o Deus que nos unirá para sempre! Como te amo! E com que ardor t'o digo! Ha quantos dias que as palpitações do meu coração eram medidas pelo calor do teu olhar! Ha quantos dias eu queria estender-te os meus braços, prender-te a mim, cingir-te ao meu peito e derramar todo o amor que me enche o coração no calix nacarado dos teus labios!

—Deixas de ser padre?—interrompeu ella bruscamente.

—Deixo.

—Juras?

—Juro.

Os dois cahiram então nos braços um do outro. Os seus olhares confundiram-se, os seus peitos estreitaram-se; e entre o som secco de beijos trocados pelos seus labios quentes da febre de um desejo ha tanto comprimido, sentia-se o estalar de folhas que o vento lançara sobre a areia do jardim. E sob a lua, no immenso azul do ceu, passaram umas pequenas nuvens que truncaram o luar que os illuminava.

IV

Elle jurara que não seria padre. E esse juramento, feito n'um momento de febre, n'uma atmosphera de amor e de desejos, sahira-lhe dos labios como desabafo de coração opprimido, e produzira em Mathilde, n'aquelle instante, uma alegria muito intima—a satisfação soberba de ter vencido o Christo!

Depois foi para o seu quarto a pensar na posse de Carlos, na Egreja vencida, e via-se já casada, com filhos a chorar em volta d'ella, muito massada, a cuidar da roupa do marido e das fraldas das creanças, n'um burguezismo muito completo, com amas de leite e creadas a ralhar, o marido para a repartição, o jantar ás 5 horas, as noites de serão, o *crochet*, depois as zangas, as recriminações, a sopa—vacca—arroz dos casados, como todos, como quasi todos!

E cahiu em si. Era uma loucura aquella idéa; nem ella gostava do padre! Fôra um desvario, uma allucinação, um capricho finalmente! De mais tudo conspirava contra ella; estavam quasi sempre sós, as noites de luar, as conversas a meia voz, o susurro das folhas, o ar quente da noite, o aroma activo e excitante das flores, o calor intenso que tinha uma influencia enorme sobre o seu organismo,—tudo fôra contra ella.

E não passavam d'um entretenimento aquelles amores. Casar com um aldeão! Conversava rasoavelmente, mas os assumptos haviam de esgotar-se no *ménage* conjugal, onde se discutiria o dinheiro das compras e a conta da lavadeira. Como seria estupido! E ella amal-o-hia realmente? E a Amelia, a sua melhor amiga do collegio, não casara por paixão, havia um anno, e não tinha já um amante?!

O pae tinha-lhe fallado, uma vez, em irem a Monaco. Havia ali principes de sangue e de dinheiro, muito oiro e muitos homens; seria uma especie de leilão em que iria entrar, e interessada talvez... com o pae! Teria commoções:—o jogo, os crimes, atraiçoar o amante, umas balas trocadas, ou um assassinio as punhaladas! Isso sim, isso havia de ser muito bonito; mas casar com um aprendiz de clerigo—Brr! brr! que estupidez!

E pensou logo em fugir de Alemquer, de Carlos, do vigario, da brisa da noite... emfim d'aquelle logar que a ia perdendo, a ia aniquilando para sempre!

Na manhã seguinte foi ter com o pae e impoz-se-lhe. Era necessario partirem e que dissesse fôra elle quem tivera aquella idéa, para que o vigario se não zangasse com ella.

E ao almoço, o pae, arranjando um pretexto banal, declarou que n'aquella tarde partiriam para Lisboa.

A's 2 horas encontraram-se, no jardim, Carlos e Mathilde.

—Vaes-te embora? perguntou Carlos.

—É meu pae quem o ordena, e ainda bem!

—Porque?

—Porque é uma loucura o que eu exigia de ti, porque é mesmo um crime. Vive com o teu Deus; eu sou mulher e, por essa razão, peccadora. A'manhã arrepender-te-ias e eu ouviria a toda a hora as tuas recriminações bem justas, os teus aggravos. Antes assim; crê, porém, que te amo e muito. E esquece tudo... ouviste? esquece tudo.

—Mas que quer isto dizer? interrogou de novo Carlos, aturdido, estonteado.

— Quer dizer que te amo e eis porque receio perder um dia o teu amor. Não, não te quero mais: adeus. Crê em mim. Juro-te que não serei de outro; juro-te que nunca, meu Carlos, darei a alguem o direito de me chamar sua.

—Juras?

—Juro. Adeus.

NO REFEITORIO DO CONVENTO

E os seus labios foram unir-se aos d'elle.
Ao longe ouviu-se a voz do pae de Mathilde a chamal-a.
A partida realisou-se n'aquella tarde. Assim se separaram—ella orgulhosa de ter vencido o Christo e de lhe ter perdoado a victoria! elle a sepultar-se na dôr immensa d'um amor que vivera tão pouco e que bem longe de lhe saciar a sede dos seus ardentes desejos lh'a activara fortemente.

V

Regressaram a Lisboa. Monaco, os principes de sangue, a roleta, os punhaes não vieram buscal-a, e Mathilde ficou o inverno inteiro em Lisboa a espera de sensações extraordinarias.
O pae mostrava-a bem; apresentava-a no passeios, no Colyseu, em toda a parte, onde apparecessem muitos homens, pondo-lhe *toilettes* extravagantes e permittindo-lhe olhares duvidosos Mas só appareciam namoros passageiros. E, dia a dia, o pae mais receiava um desenlace fatal para aquella tragi-comedia que elle consubstanciara em sua filha. O que elle queria, o seu maior empenho, era arranjar um editor para a obra, para a sua obra notavel que tinha bocados escandalosos, mas que, por isso, alcançaria um *success de venda* colossal. Depois nada mais teria com ella, Uma pandega tudo, um deboche em familia!
Um bello dia—até que emfim!—veiu da provincia o primo Raymundo. Raymundo, um bello rapaz—70 contos, estupido, 24 annos, forte, vigoroso, apto para a canga! Posto em praça seria logo arrematado!
E foi um arranjo! O pae, depois de jantar, passava para o seu gabinete e deixava-os sós até ao chá—emquanto lia o codigo penal, na parte relativa a reparação a menores, com todas as circumstancias relativas ao caso! E elles, os dois, conversavam, conversavam muito; ella encheu-o de rhetorica, elle ouviu-a meio apalermado, e viu-a, observou a bem em apalpões aos cantos das janellas, e beliscões por debaixo da mesa, toques de joelhos, e contradanças de pés,—um escandalosito de que a criada fizera um romance que contava em capitulos *au jour le jour* ás companheiras do predio—e achou a uma bella mulher, forte, desempenada, boas côres, sadia e ainda em cima talentosa. E o codigo fechou-se, mas a egreja abriu-se, os pregões fizeram-se e o casamento foi marcado para uma quinta-feira, dia de despacho.
O pae metteu empenhos, a ceremonia foi annunciada no *Illustrado*: desde esse dia não se leu mais em casa o *93*, e o jornal do *hige-life* recebeu uma assignatura por seis mezes.

VI

Na egreja havia uma solidão cheia de mysticismo; o cheiro de incenso enchia o templo. Sentia-se um frio de mausoleu; uns raios de sol escapavam-se pelos vidros azues das janellas junto ao tecto e iam pôr uns tons acobreados nas cabeças dos santos.
O orgão, lá em cima, no côro, esperava a ceremonia. O pae exigira musica.
A's 4 horas chegaram os convidados, em seguida vieram os noivos.
Mathilde entristeceu quando entrou na egreja; o incenso fez-lhe mal. O Christo, que ella, havia mezes, provocara e insultara, tinha um olhar compassivo, na sua cruz de madeira. O cheiro do incenso subia-lhe ao cerebro, entontecia-a; quasi que chorou. Não via ninguem; o seu olhar—novo espinho para o Redemptor—não se despregava da cruz; parecia que uma attracção forte a impellia a olhar para ali, como visão da victima que o remorso impõe ao criminoso.
E ella lá estava de joelhos, sem rezar, sem pensar, sem vêr nada a não ser o Christo com a cabeça inclinada sobre o hombro direito, com um olhar muito doce, um sorriso divino!
Depois appareceram o padre e o sacristão; ella seguiu-os a todos—convidados, padrinhos, noivo, como uma ovelha inconsciente atraz do rebanho. Começou a ceremonia, e o orgão, lá de cima, soltou os primeiros sons.
Mathilde estremeceu; um frio horroroso percorreu-lhe o corpo. O padre dizia as phrases da Egreja, e o orgão tinha soluços de desespero, lagrimas, sorrisos, uma mistura de felicidade e descrença, sons plangentes, lamentações d'alma, suspiros prolongados, alegrias suffocadas; ora gemia como um doente, ora respirava como um soffrego! O cheiro do incenso augmentava, e as notas do orgão quebravam-se, agora, como estilhaços de crystal, logo como ondas eriçadas. E Mathilde não ouvia nada das rezas do padre, n'uma abstracção de pasmo.
De repente, entre as ultimas palavras sacramentaes, ouviu pronunciar o seu nome; depois, em voz sumida, muito baixo, como um ultimo murmurio de orgão ainda, ouviu tambem:—*Juro que não pertencerei a outro!* Olhou então o padre, com a vista espantada, e reconheceu n'elle o Carlos, o aprendiz de clerigo; e ia abrir a bocca para dizer alguma cousa que ella mesmo não sabia, mas a ceremonia findára, e ella sentiu o noivo dar-lhe uma palmada nas costas, e, sorrindo-se bestialmente, dizer-lhe:
— Este boi já está corrido!

VII

Foram jantar. A profusão de vinhos era enorme. Raymundo, —o *do boi corrido*—bebia bem. Os convidados fizeram as honras á comida, chegaram mesmo a ter uma religião por duas horas. Havia um cheiro forte dos mariscos, das carnes, dos molhos. As gargalhadas quebravam-se de encontro aos crystaes, os ditos picantes cruzavam-se, a graça ordinaria tomava campo; appareceram ditos sobre a noite do casamento e foram explorados com saudes particulares ao noivo e risadinhas para Mathilde.
Raymundo saboreava tudo; Mathilde não comia quasi nada, suffocava n'aquella atmosphera; tinha apenas movimentos automaticos, fazia as honras da casa por um dever e despedia sorrisos de nojo para os copos de vinho que o marido despejava. Achava-se mal ali; havia poucas senhoras; quasi tudo homens. E lembrou-se da egreja, do Christo na cruz de madeira, do orgão e do padre... sobretudo do padre!
Queria ter uma expansão, alguem com quem desabafasse; aquelles homens, quasi todos seus desconhecidos, incommodavam-a.
Quando acabou a sobremesa, já as garrafas estavam quasi vasias, os copos tinham manchas de comida, a toalha estava embebida em vinho; começava tudo a estar repugnante; a embriaguez annunciava-se. Raymundo tinha os olhos quasi fechados e apertava os braços da noiva.
Os convidados ficavam-se ali, a estender as pernas, deixando-se escorregar pelas cadeiras, diante dos destroços, sem animo de se levantar, cheios até á garganta. Depois pediram licença para fumar, e o fumo encheu a casa. Mathilde achava-se mal, muito mal.
As gargalhadas foram diminuindo, iam-se perdendo no chylo da comida, desciam a afogar-se em vinho.
Mathilde sentia um calor morno, as suas faces estavam vermelhas, os cabellos soltavam se-lhe, sentia-se sob o peso d'uma atmosphera carregada.
Não poude estar mais tempo; levantou-se. Alguns convidados seguiram o exemplo. Raymundo tentou levantar-se, mas tornou a cahir sobre a cadeira.
Mathilde precisava de ar, de muito ar; fugiu para o jardim. O frio da noite causou-lhe arrepios. Começou a andar d'um lado para o outro, a pensar em tudo que lhe succedera: no Christo, no orgão, no padre, e no marido—bebado! Que futuro! Não quizera o padre, e acceitara o Raymundo, porque este tinha 70 contos! Que estupido tudo aquillo! Mas o pae é quem tivera a culpa; mettera-lh'o á cara! Antes o padre, mil vezes antes; ella devia ter seguido o impulso do seu coração.
Tinha um desejo enorme de fugir d'aquella casa. Talvez estivesse sonhando, que nada fosse real! Como seria bom!
O murmurio das folhas lembrava-lhe as noites em Alemquer, aquellas noites de luar que passara junto de Carlos, e principalmente a ultima, em que elle a estreitara nos seus braços e ella se sentira tão feliz, sem pensar em Raymundo, sem quasi saber se elle existia!
Os aromas diversos das flores, excitantes, activos, davam-lhe uma embriaguez languida; sentia vontade de chorar, de chorar muito.
E andou muito tempo a passear, inconsciente, pisando mil vezes o mesmo terreno. Depois sentiu frio; a cacimba começava a cahir. Subiu lá acima; entrou no seu quarto de *toilette* a procurar qualquer cousa com que se abrigasse. Não encontrou nada; o guarda-vestidos estava fechado, ella não tinha ali a chave.
De repente ouviu uma especie de gemido que sahira do quarto de dormir. Pegou n'um castiçal, correu o reposteiro e ficou-se a olhar.
Raymundo estava estirado na cama, em mangas de camisa. O travesseiro, todo elle era lançado, e Raymundo dormia profundamente, com umas subidas e descidas rapidas de ventre. Estava cheio.
Mathilde olhou-o e lembrou-se do Christo, do orgão, do *boi corrido*, do padre .. do padre Carlos, da sua amiga do collegio... E deixando cahir mansamente o reposteiro, pensou:—A Amelia tambem tem um amante!

EDUARDO SCHWALBACH LUCCI.

SOROR MARIANNA JOSEFA

(1702 — 1780)

(CONCLUSÃO)

No livro da «*Vida e obras da serva de Deus a madre Marianna Josepha de Jesus*» que tenho deante dos olhos, lêem-se os summarios de dois dos seus capitulos, escriptos á laia dos summa-

rios dos capitulos dos romances da cavallaria, por esta forma: «*De coma se resolveu D. Marianna a fugir para o convento de Carnide, e dispoz fazel o, e de algumas notaveis coisas que aconteceram antes de o fazer.*

O outro capitulo, tão audacioso no rotulo, como no emprehendimento da protogonista, diz assim: «*De como D. Marianna fugio da casa de sua mãe, e tomou o habito no convento de Santa Thereza do Carnide.*»

Das edeficantes narrativas contidas nos dois capitulos acima citados, conclue-se que D. Marianna, aconselhada pelo padre Amaro, resolvera fugir secretamente de casa de seus paes, servindo-se de chave falsa, no dia 15 de janeiro de 1728, acompanhada por uma tal D. Anna de Vasconcellos, que o prior da freguezia dos Remedios puzera á disposição da fugitiva, por intervenção da marqueza d'Angeja, e annuencia declarada de Fernão Telles da Silva, deputado da mesa de consciencia e ordens. Mais consta ainda, que D. Marianna se confessára na vespera da fugida, e que effectuára esta saltando por uma janella, sem quebrar as pernas, o que ao narrador da façanha se affigura um milagre, mettendo-se em seguida n'uma sege que a esperava por ordem do conde d'Alvor, levando por moço da estribeira a Lucas Antonio, filho da tal D. Anna de Vasconcellos, *armado de pistolas e prompto para qualquer caso que sobreviesse*, pondera o mavioso panegyrista, que nem este picaresco episodio de bandido quiz poupar á curiosidade dos seus leitores!

Quando no palacio dos condes de Tarouca se divulgou a noticia da fugida de D. Marianna, foi grande o alvoroço, como facilmente se poderá suppor, fazendo a desventurada mãe os maximos esforços para a retirar do convento, e obtendo apenas, mais por ironia do que por compaixão, *que lhe dessem para trazer comsigo a formosa trança de cabello que D. Marianna já tinha cortado!* (e)

Quando o conde de Torouca, então enviado extraordinario, e ministro plenipotenciario de Portugal em Vienna, teve noticia da resolução extrema que sua filha tomára, e do modo porque a levára a execução, irritou-se como era natural, e apesar da filha lhe escrever amiudadas cartas, sempre as deixou sem resposta, até que esta se lembrou tocar-lhe na corda sensivel, o seu amor á poesia, enviando-lhe um coração de sêda, tocado no de Santa Theresa, acompanhando o presente de uma decima, que o collector das rimas da freira de Carnide chama excellente, e eu me atrevo a julgar abaixo de mediocre.

Ahi vae a decima que logrou reconciliar o pai com a filha, mas não está com a verdadeira poesia:

Este coração, Senhor,
Unido ao meu vos offreço,
Para vêr se assim mereço
Ter comvosco algum valor.
Do vosso cruel rigor
Com seu contacto abrandai,
E senão, Senhor, cuidai
Se será bem que se diga
Que d'eu ter tal Mãe se siga
Não vos mostrardes vós Pai,

O conde, que tambem era dado ás musas, despachou favoravelmente a petição da filha, e eil-a revendo-se contente nas suas meias de estôpa, segundo a regra das Carmelitas, calçando alparcatas de esparto, comendo de peixe todo o anno, habilitando-se em fim a professar, como de facto fez, aos 23 de janeiro de 1729, um anno e dezenove dias contados depois d'aquelle em que fugira da casa paterna.

Para que me não accusem de omisso deixando de relatar as perfeições espirituaes de Soror Marianna direi, na fé do seu biographo, que nas costas trouxe por muito tempo uma cruz de mais de um palmo de comprimento, coberta em uma das faces de agudas pontas de ferro que se cravavam nas carnes, vestindo nos ultimos annos de vida um escapulario de celicios, como usavam as monjas da Cartuxa!

Apesar de todas estas mortificações, D. Marianna viveu 78 annos, o que me deixa desconfiar que as camizas de bretanha, e os colchões de pennas, são mais nocivos ás christandades do que os escapularios que rasgam e dilaceram as carnes.

Os maus exemplos são contagiosos.

Passado tempo, a chronica não preciea o anno, nem o dia, estando a condessa de Tarouca de visita no convento de Carnide com D. Thereza, a unica filha que lhe restava, esta saindo do locatorio, correu a metter-se na clausura, tendo previamente combinado o ardil com sua irmã, e com a prioresa do convento de Carnide, destinado a ser o sepulchro de todas as alegrias de uma pobre mãe!

Ao vêr desapparecer-lhe a unica filha que lhe restava a condessa de Tarouca cahiu como fulminada, e ao voltar a si pedia em altos brados a D. Marianna que lhe restituisse a companhia dos seus velhos dias, ao que a trasloucada freira professa, fingia annuir, aconselhando a irmã a que abandonasse o seu fatal projecto, e acrescentando baixinho, *mas olhe que se o fizer receio muito que vá parar ao inferno!*

Exerceu Soror Marianna todos os cargos da communidade, taes como os de refeitoreira, copeira, despenseira e enfermeira e por vinte annos o de mestra de noviças.

Não quiz nunca ser superiora, e tambem nunca a nomearam para o cargo de sachristã, por lhe fazerem mal os cheiros, diz o minucioso indagador que pôz por escripto a vida da filha dos condes de Tarouca

N'este livro, em que unicamente se trata de mulheres que cultivaram as letras, o nome de D. Mariana Josefa não teria cabimento se ella não houvesse tambem sido poetisa, e remido os seus peccados com a aspereza dos cilicios de que usou.

Diz o biographo de soror Marianna que ella nunca descobriu em si o talento da poesia senão depois de religiosa, e nunca o empregou senão em assumptos pios e devotos. Não sei se a primeira das duas affirmativas é verdadeira, a segunda sabemos que o é, porque lêmos os versos com que ella pretendeu celebrar as festas conventuaes das Carmelitas, de que se apuraram apenas tres ou quatro sonetos menos degeitosos que o resto das suas insonsas rimas. (f)

E como poderia ser verdadeira poetisa, ella, a mulher que com o seu proprio sangue escrevera a *Carta da Escravidão* que antecede á laia de prologo as poesias que andam annexas á sua biographia?

Como poderia trazer liberta a inspiração poetica a pobre creatura, «que se constituira escrava perpetua de Jesus, Maria e José, a cujo total dominio entregára a sua alma, o seu corpo, vida, saude, honra, liberdade, potencias e sentidos?»

Como poderia guindar-se ao ideal das cogitações profanas, a pobre enferma que ousára fazer um requerimento a Jesus, sem se esquecer de o fechar com o burocratico final de: *e receberá mercê?*

E como poderia ter saido do obscurantismo a que a si proprio se condemnara, a freira que com a maior simplicidade dirigia um memorial á Virgem Santissima, pedindo-lhe para o apresentar no tribunal da Santissima Trindade!

A «Carta de escravidão perpetua» de Soror Marianna é, principalmente, um modêlo de aberração mental, a pedra de toque de um mysticismo doentio e incuravel, que principiava por fazer com que ella quebrasse os laços sagrados da familia para entrar em uma irrespeitosa correspondencia com Aquelle para quem mal se devêra ter atrevido a levantar o pensamento, se a sua fé houvesse sido mais allumiada pelas luzes de uma mais correcta devoção.

A não serem alguns sonetos, especialmente o III e IX da collecção das poesias de Soror Marianna, e esses mesmos pouco cuidadosamente rimados, todas as suas outras composições se ressentem do meio apertado em que viveu, e das peias que a auctora impoz ao seu proprio engenho poetico, se é que, desprendida d'ellas, lhe fosse dado voar acima da mediocridade, o que não ouso affirmar á vista das provas que ella nos legou.

L. A. Palmeirim.

(e) Apenas D. Marianna de Menezes entrou para o convento, *acudio-lhe á cabeça logo depois de cortar aquelle formoso cabello de que fallamos, um fogo que começou de rebentar com tal força que as religiosos facilmente se persuadiram, que outra coisa não era senão aquella molestia, e asquerosa queixa a que vulgarmente chamam tinha.*»

Tratada por um curandeiro da localidade, D. Marianna ia morrendo, se lhe não accudisse de mandado do monteiro-mór, o celebre Isaac Eliote, *cirurgião famoso, mas desgraçado homem.*

Esta qualificação de *desgraçado homem* dada a Isaac Eliote, funda-a o biographo de D. Marianna na desgraça domestica de que elle depois foi victima. O cirurgião Eliote era casado, e morava na rua de Oiteiro.

Um dia encontrou a mulher em adulterio com um frade da Graça, e matou-a... O caso fez grande bulha em Lisboa, e d'elle davam relação varios folhetos que se encontram na Bibliotheca Publica de Lisboa, e tambem na de Evora.

O desgraçado Eliote foi enforcado para dar satisfação publica aos frades da Graça que por este modo julgaram salvar a honra do convento! O frade libidinoso chamava-se frei André. A sentença proferida contra o marido ultrajado tem a data de 8 de janeiro de 1733.

(f) Ha na lingua portugueza dois excellentes sonetos, que se diz haverem sido escriptos pelos seus auctores proximos a morrer. O primeiro d'ellas é o magnifico soneto de Bocage, que principia:

«Meu ser evapore na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava.

O segundo é o da viscondessa de Balsemão, D. Catharina e que começa:

«Grande Deus, que do alto d'esse throno
Lanças o braço ao peccador contricto

e que ficou em tradição de familia como havendo sido recitado pela auctora á hora da morte até ao primeiro terceto, e acabado de recitar pelo seu confessor que de memoria o sabia. O melhor soneto de soror Marianna, a meu ver, é o que se inspirou no mesmo assumpto, e que principia:

Continuamente vivo desejando
E obrando contra o mesmo que desejo.

e termina:

Que se nas vossas leis fui delinquente,
Para a graça poder restituir-me,
Basta, bom Deus, buscar-vos penitente.

AS NOSSAS GRAVURAS

A ORAÇÃO DO BÉBÉ

Está, talvez, resando o «Padre Nosso» a primeira oração que nos ensinam em creanças, e pedindo aos Ceus o pão de cada dia

O fervor com que balbucia a prece, e a attitude piedosa em que o vemos, hão de merecer, por certo, as graças divinas, se é que Deus attende em primeiro logar a voz da innocencia.

O BEIJO DA MANHÃ

GALERIA D'ARTISTAS

RAPHAEL CRONER E AUGUSTO NEUPARTH

Um d'elles, Raphael Croner, deixou já de existir, fulminado, aos 56 annos de edade, por uma apoplexia despiedosa. O outro, Augusto Neuparth, vive ainda para a admiração de todos nós, honrando a arte musical, que tem n'elle um dos seus mais fervorosos apostolos e illustres cultores.

Raphael Croner era um artista de superior merecimento e um coração de ouro. Dotado de uma physionomia extremamente sympathica e affectuosa, singularmente modesto, ninguem diria, ao vel-o pela primeira vez, que estava ali uma celebridade. E, comtudo, a sua fama era universal.

Quem ha ahi que se não lembre dos ruidosos triumphos alcançados pelo malogrado musico na sua excursão á America?

Por toda a parte onde se fez ouvir, os palcos transformavam-se em jardins, e a multidão, anciosa e extatica, como que embalada nas ondas de harmonia que elle extrahia de um instrumento, que tantos julgam ingrato, só muito depois de expirar a ultima nota accordava do seu enlevo para o applaudir em fremitos de enthusiasmo.

Raphael Croner foi um dia a Inglaterra, e, convidado para tomar parte em um concerto, no *Palacio de Crystal*, só accedeu ao convite depois de tocar em presença dos quatro primeiros maestros de Londres e de ouvir a opinião d'elles. Escusado seria dizer que essa opinião foi o mais lisongeira possivel.

Raphael Croner teve uma ovação no concerto. Nas primeiras cidades do Brazil, em Montevideu e Buenos-Ayres, contava os triumphos pelo numero dos concertos que dava. Em Portugal, em Lisboa, sobre tudo, ninguem havia que não conhecesse o gentil mestre da banda de caçadores 5. Apontavam-n'o com o dedo:—«Aquelle é o Croner!—Lá vae o Croner!

Toda esta gloria, todos estes louros emmurcheceu-os e queimou-os n'um momento o vento da morte.

*

Augusto Neuparth, apesar de nascido em Lisboa, é de ori-

gem allemã, o que se denuncia logo pelo seu caracter circumspecto, pela sua reflexão segura e pela fleugma do seu espirito.

O primeiro instrumento a que se dedicou foi o clarinete, tendo por mestre seu pae, e recebendo tambem algumas lições de Filippe Fiel, sendo este professor quem o industriou e o familiarisou com os segredos do fagote, de que fez, pelo correr do tempo o seu instrumento predilecto.

Mais tarde, e como se a propria pericia o estivesse tentando para novas ousadias, Augusto Neuparth dedicou-se tambem ao estudo do oboé, corne-inglez e saxophone.

Não se cuide que uma larga vida foi necessaria ao nosso grande artista para se tornar proficiente nos instrumentos que deixamos indicados.

Aos 17 annos apenas, quando as vocações timidas mal começam a denunciar-se, já Augusto Neuparth se apresentava em publico, como solista, tocando brilhantemente nos concertos mais acreditados.

Em 1852 Augusto Neuparth resolveu fazer uma viagem á Allemanha e á França, em que se demorou pouco mais d'um anno, enriquecendo o seu espirito reflexivo com a comparação dos methodos e systemas d'estas duas grandes patrias da arte.

Como prova da precocidade do seu talento, diremos que Augusto Neuparth foi nomeado 1.º fagote da orchestra do theatro de S. Carlos, tendo apenas 18 annos de edade, logar que tem exercido sem interrupção, a contento dos regentes d'orchestra, pela sua elevada competencia, dos emprezarios pela pontualidade no desempenho dos seus deveres, dos seus collegas, que o estimam como, um verdadeiro homem de bem, e, finalmente a do publico, que o aprecia como artista de elevado merecimento.

Augusto Neuparth é musico effectivo da real camara de Sua Magestade, secretario do Conservatorio Real de Lisboa, onde tambem exerce o logar de professor da aula de instrumentos de palheta, proprietario e director da excellente revista musical, *Amphion*, e dono do bem conhecido armazem de musica e instrumentos, da rua Nova do Almada, que seu pae fundou em 1824 e que elle tem desenvolvido com um culto filial digno do maior louvor.

O DJÉRID

Esse exercicio tão querido dos Arabes, que são uns verdadeiros centauros, exercicio em que mostram a sua pericia na equitação, é tambem uma festa com que elles honram qualquer alto personagem. Correm a cavallo, descrevendo as mais caprichosas curvas, fazendo as mais estranhas evoluções, soltando gritos e dando tiros de espingarda.

Foi um *Djérid* que Couverchel, pintor celebre, orientalista, tomou para assumpto de um fresco de uma abobada, que a nossa gravura representa.

NO REFEITORIO DO CONVENTO

Antes de saborearem a sopa appetitosa, que fumega na bojuda terrina conventual, os seis frades anafados da nossa gravura escutam, como é do rito, as orações da tarde, lidas pelo noviço imberbe, e levantam o pensamento a Deus, cheios de mystica devoção.

Alguns d'elles, porém,—miseros peccadores—olham de soslaio para a branca toalha, revelando nas suas attitudes mais vontade de saborear o caldo chorudo que de ouvir as rezas estopando companheiro.

Um d'elles, como se vê da estampa, até boceja de tedio e de fome. E' que a carne é fragil e o estomago não se alimenta com orações.

O BEIJO DA MANHÃ

Um beijo longo e muito chiado é sempre o «Deus te salve!» que a formosa creancinha do nosso quadro dá á mãe amantissima, quando accorda no seu pequenino berço.

Bem sabe elle que esse beijo casto e doce é a melhor saudação que pode offerecer-lhe, e bem sabe, tambem—o interesseiro!—que em paga das suas caricias matinaes, recebe sempre um mimo, um brinquedo, uma lembrança materna, acompanhada de sorrisos feiticeiros e de ternuras incomparaveis.

Como é bom ser creança!

A «ÉCUYÈRE» ELVIRA GUERRA

Tem sido, durante a ultima temporada ainda não extincta do Colyseo dos Recreios, o *enfant gâté* do nosso publico, a celebridade por elle mais applaudida e festejada.

Tudo quanto a arte ensina, a pratica firma, a propensão augmenta e a educação sobredoira, tudo está compendiado nos admiraveis trabalhos de mademoiselle Elvira Guerra. Apresentando cavallos das mais apuradas raças, amestrados com um cuidado superior e uma arte admiravel, esta *écuyère* entra no circo tão alegremente posta sobre a sella e dirigindo o animal com tanta precisão e serenidade, que logo denuncia uma artista superior e d'uma educação esmerada.

Elvira Guerra tem-se feito applaudir em todos os grandes circos, taes como Renz, Hengler, Salamonski, Ciniselli e muitos outros, e ultimamente em Paris, trabalhando alternadamente no Hyppodromo e no Franconi.

A sua vida tem um tanto de original. Mademoiselle Elvira Guerra é descendente de uma antiga familia italiana romana; seu avô dirigiu os mais notaveis circos da Europa, alcançando uma boa fortuna, além de uma larga celebridade. Conta-se d'elle que mais de uma vez tivera o capricho de apresentar os cavallos com ferraduras de prata.

Nascida em Roma, foi destinada por seu pae á posição social que lhe poderia dar o seu dote e não a vir trabalhar como *écuyère*; mas tendo desde os mais verdes annos começado a distrahir-se no ensino de um poney, não poude mr. Guerra ser superior ao desejo de lhe dar lições d'equitação, que ella veiu completar a Hamburgo e e Londres, por motivo do fallecimento do seu progenitor.

Passados alguns annos, era tal a sua pericia, que a equitação já para ella não tinha segredos: foi então que começou a sua auspiciosa carreira.

Nas suas viagens e na apresentação que tem feito perante o publico dos diversos paizes, tem sido honrada e distinguida com manifestações de muito apreço, de que conserva uma recordação agradabilissima e de que falla sempre com muito reconhecimento.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Vê-se em tudo e no homem civil—1—1.
Esta mulher na egreja é uma rainha—3—2

E. MELLO.

E' dança, ave e planta—2—2.
Este appellido canta-se e é uma arte—2—3.
Este mollusco e esta flôr fazem grande balburdia—2—2.
Indica festa e pompa este betume—2—2.
Este explorador anda a pé e usa este appellido—1—2.

MATHEUS JUNIOR.

Este divertimento mata este homem—2—1.

SOSSAP.

EM VERSO

E' tão alvo como a neve;—1
Não se póde dispensar;
A todos nós é precisa—1
Mesmo até sem trabalhar.

O conceito
Eu vou dal-o:
Se o quizeres,
Vae pescal-o.

(A David Silva das Neves)

Se tu hoje não tiveres
Aonde o tempo passar,
Procura este nome de homem
Com paciencia e vagar,—2

E ao nome que encontrares
Um pronome lhe acrescenta;—1
Depois, por certo verás
Que é peça de ferramenta.

TRETRITRO.

LOGOGRIPHOS

(Por lettras)

Pobre infeliz! Está sempre prostrado;—8, 4, 11, 2, 10, 1
Um tumor canceroso o dilacera,—5, 9, 7, 7, 4
Sobre um osso que tinha fracturado,—7, 6, 3, 9, 4
Em certa occasião, na primavera,—3, 9, 6

Lendo este manuscripto variado.—5, 4, 3, 8, 5 11
Hoje, ao diabo dá escripto e era.—10, 6 2, 11, 5, 4

Vem um medico inclemente,
Com uma voz de trovão,
Pergunta ao pobre doente:
—Que tem? Venha o pulso... a mão ..—
—Doutor, diz-lhe o paciente,
Doença no coração! —

XAVIER RODRIGÃO.

E' de canna esta primeira,—2 1, 3, 4
De nós todos, a segunda;—3, 1, 2
De certo não tem miolo—1, 3, 4
O fructo que pouco abunda.—3 1, 3, 1

Ladrão foi muito afamado—3, 4, 3, 1
N'este jogo conhecido;—3, 2, 1
N'uma certa região,—1, 2, 4
Prende qualquer foragido.—4, 2, 1

Procure, pois, meu leitor,
E peixe vê sim senhor.

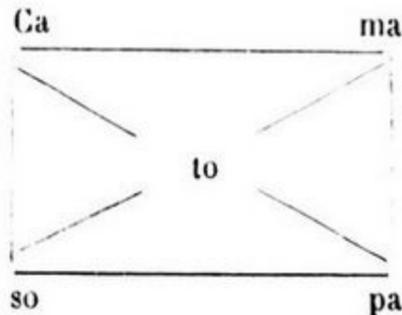
Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

ENIGMA

A F 1886 Cidade agrada a todos

Evora. AUGUSTO J. N. SANTOS.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Burgomestre—Terremoto—Saboia—Belladona Minoria—Verboso—Serpente.
DA CHARADA EM VERSO:—Logogripho.
DA CHARADA CONIMBRICENSE:—

DA CHARADA ELECTRICA: Apar.
DOS LOGOGRIPHOS: - Ascendente—Panorama.
DA CARTA ENIGMATICA:—Olivia Olinda Osorio.
DO PROBLEMA:
Sendo x o tempo decorrido desde o momento em que os dois ponteiros estão juntos nas 12 horas, até que se encontram de novo, deve ser evidentemente $60x-5x=60n$, sendo n o numero de voltas completas feitas pelo ponteiro dos minutos. Resolvendo, acha-se $x=\frac{60n}{55}$ Dando a n valores inteiros desde 1 até 11 inclusivé, acham-se as horas dos differentes encontros, realisados desde o meio dia até á meia noite.

EXPEDIENTE

Pelo facto de o sabermos já muito tarde, não dissemos no ultimo numero que tinham, tambem, decifrado o logogripho do sr. Xavier Rodrigão, posto a premio, os ex.mos srs.: Gregorio Pinto, de Idanha-a-Nova, Tavares, de Extremoz, Rodrigues Mansinho, da Covilhã *Pequeno Antoninho*, de Vizeu, A. Amor de Mello, de Lisboa, Joaquim Antonio Marques, de Reguengos, João C. Monteiro Torres, de Leiria, Joaquim Maria Pereira, d'Elvas, Antonio Gonçalves Rosa e Ricardo d'Almeida, de Santa Comba Dão, Vaz de Figueiredo, de Belem, e José Dias Vellozo, de Braga.
O premio coube ao primeiro dos cavalheiros indicados.

A RIR

A sr.ª X... é muito avara, mas é, ao mesmo tempo, muito formosa. Sobre tudo, tem uns dentes lindissimos. Este facto despertou o seguinte bom dito a seu marido:
—Se minha esposa soubesse que tem perolas na bocca, era capaz de mandar fazer com ellas um collar.

*

O banqueiro L... está ameaçado de fazer banca-rota. N'um dos ultimos dias assistia á lição de grammatica de seu filho.
—Possuir, verbo activo, dizia o pequeno.
—Perdão, interrompeu L..., suspirando, verbo *passivo* por agora!

O CARNAVAL NOS AÇORES

O uso da bisnaga é completamente desconhecido nas ilhas.

A doçura dos costumes da côrte, impondo a bisnaga elegante e perfumada nos tiroteios *masqués*, ainda não chegou áquellas regiões um pouco arredadas do convivio metropolitano.

Uma bisnaga fazendo subitamente a sua apparição n'uma *soirée* particular ou n'um baile das associações, fustigando a golpes d'agua de Colonia, as espaduas cobertas de setim rosa-chá ou azul pallido, das jovens açorianas, constituiria um escandalo enorme. Coisa para se fallar durante toda a quaresma.

Tambem é desconhecido o uso dos pós brilhantes e dos pós de gomma.

Nos bailes, só é permittido o arremesso dos classicos papelinhos picados, de cores iriadas, muito miudinhos e muito empacadinhos (é o termo) em bocetinhas de papelão que se mettem no bolso.

E' uma consolação para uma menina de dezesseis annos, quando apanha junto de si o seu namorado (derriço, lhe chamam), aproveitar um momento em que elle acaricia sorrateiramente com o olhar, as espaduas nuas d'uma valsista que vae passando, e introduzir-lhe rapido pelo pescoço abaixo, uma pitada (textual) dos taes papeis picados. Grandes gargalhadas das meninas e das mamãs. Gestos desesperados, caretas memphistophelicas do *derriço*.

Outras vezes, não podendo a menina deitar a sua pitada pelas costas abaixo do feliz mortal que tem a honra de ser o alvo das suas infantis gracinhas, derrama-lhe por cima da cabeça, uma valente mão cheia dos referidos papelinhos de côres, o que dá ao penteado do cavalheiro, um estranho aspecto de salsa picada com cebola para fazer chouriços de sangue.

Os bailes de mascaras, por associações, nas cidades e principaes villas dos Açores, dividem-se em tres classes, correspondentes á divisão da sociedade, que se resente ainda um pouco do principio feudal, e são: o baile dos operarios, o da classe media e o da aristocracia da terra.

O baile da aristocracia da terra é dado no Club. A este baile só podem ir os titulares, o alto funccionalismo e os grandes proprietarios. Não obstante no dia em que se realisa (segunda feira gorda) estão fechados os salões das outras sociedades inferiores, porque, parte dos socios do Club, são tambem socios d'ellas e pedem para que os bailes sejam dados em outro dia.

Pelo motivo acima expendido, o baile da classe media, composta de negociantes de pequeno trato, primeiros caixeiros, guarda-livros, officiaes subalternos da guarnição e empregados publicos dos mais modestos, é dado no sabbado gordo, afim de que possam assistir os membros da sociedade superior—o Club.

O baile da sociedade dos operarios a que assistem os membros das duas outras associações, realisa-se no domingo gordo.

Na terça feira de entrudo, não ha geralmente bailes, porque o escrupulo religioso não permitte que depois da meia noite se dê á perna nas valsas, tendo-se entrado já na quaresma. E' peccado. No entanto, ha estroinas que no theatro da terra, se permittem esse enorme escandalo, até ás duas horas da madrugada.

Os bailes no unico theatro da localidade, quando os ha, são desanimadissimos, pela ausencia quasi completa de mulheres que saibam dançar. Dançam homens com homens.

As gentis valsistas dos bailes publicos, em Lisboa, e que constituem a *sociedade onde ninguem se aborrece*, são inteiramente desconhecidas nos Açores, onde ha grande penuria de *cocottes*. E por isso são de uma pobreza franciscana, os bailes no theatro, cortando o ar uma tristeza de cemiterio.

Devido a esta circumstancia, teem os bailes das associações, e as soirées particulares, o attractivo do convivio intimo de familias que se deram *rendez-vous*.

Os namorados impõem com oito dias de antecedencia, ás suas Dulcinéas, a condição ciumenta de não dançarem senão com elles! E assim succede. Quando um rapaz recemchegado ás ilhas, entra pela primeira vez n'um d'estes famosos bailes, e quer tirar par, passa pelo desgosto de saber que todas já estão compromettidas para todas as contradanças, valsas, polkas, etc, etc, e só com muito empenho, mettendo valiosas protecções, póde conseguir de algum exaltado Romeu, a cedencia da sua Julieta, para uma corrida atravez das salas, sempre sob a tremenda vigilancia dos olhos zelosos d'elle, isto é, do outro...

Na quarta feira de cinza, as meninas dão-se ao trabalho colossal de desmanchar os dominós e repor nas camas as cobertas

escarlates de damasco de seda ou lã, que serviram para os tres dias de carnaval.

Porque, eu ainda não revelei a circumstancia anti-esthetica da monomania do dominó nos bailes açorianos.

Nos tres dias fatidicos de entrudo, desapparecem de cima de todas as camas as respectivas colchas, para se tornarem n'esses horriveis farricocos, essencialmente commodos e baratos, que dão uma nota de tão máo gosto a um baile. Tudo quanto ha de bello na ondulação da carne, fica sepultado n'esses tumulos de seda, inventados certamente por algum inimigo do prazer, da harmonia das fórmas, da luz e dos sonhos, não direi—*de uma noite de verão*, mas pelo menos, do entrudo.

Falta fallar ainda do carnaval nas ruas. Elle é tão pittoresco!

A tradicional *caldeirada* d'agua, jogada com mão firme da varanda abaixo, pela possante sopeira, alagando a rua de léz a léz, e deixando como um pinto, o janota desgraçado.

A «ÉCUYÈRE» ELVIRA GUERRA

O sacco de papel, cheio d'agua (dois litros!), cahindo a prumo sobre o ginja, que passa muito descançadinho, de guarda-chuva aberto, o qual fica arrombado e de varetas ao sol, no meio de um côro de gargalhadas retumbantes, que partem das janellas circumvisinhas.

As borrachas enormes, de litro, com um bico de folha de Flandres de vinte centimetros, que esguicham os transeuntes de um modo implacavel, deixando-os a escorrer.

Os cartuchos de papel, cheios d'agua, arremessados de janella para janella. O tremoço, o feijão, o milho, a linhaça em grão, as laranjas atiradas com mão certeira.

Da rua, os jogadores d'entrudo, pessoas finas, o *high-life* da terra, bandos de janotas, vestidos com o indispensavel *water-proof* e chapeu de chuva, rodeado de uma nuvem de garotos descalços e esfarrapados, com pequenos taboleiros á cabeça, contendo, mettidas em dobras de panno, graciosas *limas da Persia*, feitas de cera branca sarapintada, e cheias d'agua perfumada.

Estas cabacinhas de cera, do tamanho de um ovo e do feitio de um limão, constituem o grande luxo do carnaval das ruas. Custam dez réis cada uma, e são arremessadas pelas mãos exercitadas dos jogadores, a alturas e distancias consideraveis; sobre tudo, a distancias, porque raras são as casas nos Açores, que teem mais de um andar.

No ardor da peleja, quando se esgotam as *limas*, os marialvas açorianos compram ovos de clara e gema. Das janellas respondem-lhes na mesma moeda.

E' preciso notar que os ovos cheios de farinha ou de outra qualquer substancia, tão usados em Lisboa, são despresados pelos jogadores de entrudo açorianos, por isso que o seu principal fito é alardear grandeza, dispendendo muito dinheiro n'estes divertimentos.

Os pós de gomma não são usados nas ruas.

Não percorrem as praças, danças ou carros com mascaras. Ninguem se atreve a sahir de casa, com medo das *caldeiradas* que *chovem* das janellas sobre os transeuntes que não teem o pé leve.

As cascas de cera e cebo, das *limas da Persia*, adherindo á calçada e aos passeios de lagedo, como os da rua Augusta, tornam extremamente perigoso o passeiar, e é alvo de grandes gargalhadas o infeliz que se estende em plena rua. Então, das janellas desce sobre elle, como um raio, um enorme boneco feito de trapo, preso a uma corda, ou uma velha chaleira de folha de Flandres, capaz de ferver agua para um regimento, augmentando assim a confusão até ao charivari, em roda do pobre homem.

Março—1886.

José Maria da Costa.

UM CONSELHO POR SEMANA

CONSERVAÇÃO DO LEITE

Pode-se conservar o leite durante muitos dias, no tempo quente, juntando-lhe uma gramma de acido borico por cada litro de leite. A presença d'este acido não póde de modo algum prejudicar o leite nem ser perigosa para a saude.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada 35, Lisboa